

Venezuela em transe



Convocado pelo governo Lula para marcar os três anos da baderna golpista nas sedes dos Poderes, evento de quinta-feira ganha nova dimensão após sequestro e prisão do ditador Nicolás Maduro: democracia e defesa da soberania serão as principais bandeiras

Ataque dos EUA alimenta ato do 8 de Janeiro

» DENISE ROTHENBURG

A invasão da Venezuela, no último sábado, deu novo fôlego aos atos convocados pelo governo e movimentos sociais para marcar o 8 de Janeiro, data em que a tomada das sedes dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário brasileiros completa três anos. "Sem dúvida, o ato do governo adquire nova dimensão. As duas principais bandeiras do ato são soberania e democracia. E a soberania da Venezuela foi agredida e vilipendiada. Portanto, ganha uma dimensão política muito forte", comenta o líder do governo na Câmara, deputado José Guimarães (PT-CE). Ele e outros políticos chegam a Brasília, amanhã, a fim de ajudar na organização e mobilização do evento.

Os atos, na prática, servirão para marcar a entrada da crise da Venezuela na pré-campanha eleitoral deste ano aqui no Brasil. Com a maioria dos adversários de Lula defendendo a atitude do governo de Donald Trump de invadir o país vizinho, sequestrar e prender seu presidente, os petistas consideram que é preciso deixar claro que, embora Nicolás Maduro fosse um ditador, os problemas venezuelanos devem ser resolvidos pelo povo daquele país, e não pelo governo dos Estados Unidos.

A crise da Venezuela deu mais

visibilidade aos movimentos em prol da soberania e da democracia, mas o PT havia programado atos em todo o país, como forma de protesto contra a dosimetria das penas dos condenados pela tentativa de golpe de Estado e pelo quebra-quebra de 08 de janeiro de 2023, aprovada no ano passado pelo Congresso. O presidente Lula deve vetar a proposta, atendendo a pedidos de seus apoiadores mais fiéis, que estarão nas ruas para lembrar a invasão dos Poderes. A solenidade no Planalto está marcada para 10h30. Manifestantes planejam se reunir na praça dos Três Poderes.

Um dos objetivos dos atos programados para esta quinta-feira é refrescar a memória dos brasileiros sobre o período difícil que o país viveu naquele fim de ano, com ameaça de bomba no Aeroporto de Brasília na véspera de Natal e ônibus queimados no dia da diplomação de Lula. A avaliação é a de que, com o senador Flávio Bolsonaro no papel de pré-candidato ao Planalto, será importante lembrar que o pai do senador, o ex-presidente Jair Bolsonaro, está preso, condenado a 27 anos de cadeia por comandar a tentativa de golpe de Estado.

O Supremo Tribunal Federal (STF) também fará uma solenidade na quinta-feira, a partir das 14h30, que tem até título: "Democracia inabalada: 8 de janeiro, um dia para não esquecer". A programação inclui

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Golpistas no 8 de janeiro de 2023: ato convocado pelo governo defenderá a democracia e a soberania dos países da América do Sul

uma exposição de fotos, a exibição do documentário *Democracia inabalada - Mão da reconstrução*, seguida de uma roda de conversa com jornalistas.

Campanha

O PT vai aproveitar esses atos para reunir material a ser usado na propaganda política de seus candidatos. Quem acompanha as redes sociais dos políticos tem a certeza de que a campanha já começou.

Neste fim de semana, por exemplo, nenhum dos pré-candidatos deixou de se manifestar sobre a crise da Venezuela. Considerado a melhor aposta do bolsonarismo, apesar da pré-candidatura lançada de Flávio Bolsonaro, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), comentou, por exemplo, que o regime de Nicolás Maduro só durou tanto tempo porque "houve convivência, omisão e apoio explícito de quem insistiu em chamar um ditador de companheiro".

Tarcísio não citou Lula, mas a ministra de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, respondeu: "Tarcísio Freitas, que vestiu boné do Trump, comemorou o tarifaço que ele impôs contra o Brasil, apoiou a traição de Eduardo Bolsonaro à pátria, defendeu a anistia aos golpistas condenados, agora tem o desplante de responsabilizar Lula pela invasão dos EUA à Venezuela. É muito cinismo para um bolsonarista só". É nessa toada de ataques que a primeira semana cheia de janeiro abre o ano eleitoral.

Comércio global de petróleo na expectativa

» RAPHAEL PATI

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, deixou evidente a intenção do país com a retirada de Nicolás Maduro do poder na Venezuela e o controle de um governo provisório: explorar as reservas de petróleo da região, que são as maiores do mundo e ganham, inclusive, de nações do Oriente Médio, como Arábia Saudita e Irã. Durante a coletiva realizada ainda no dia em que os ataques foram deflagrados no país sul-americano, o republicano disse que o governo vai incentivar as grandes empresas de petróleo norte-americanas a atuar no local. "(Vamos) arrumar a infraestrutura do petróleo, que está quebrada, e começar a levar dinheiro para o país", afirmou.

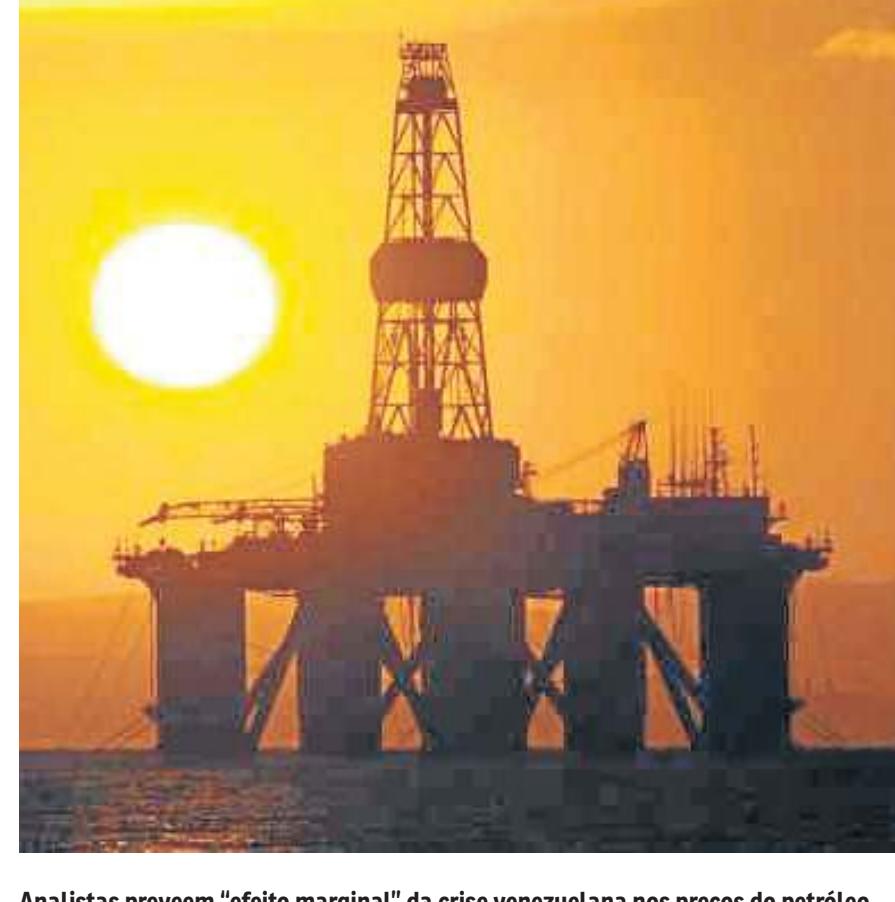
Apesar de deter a maior reserva petrolífera do planeta, a produção, na Venezuela, é muito inferior ao potencial que do país. Atualmente, o país é apenas o 15º produtor global, de acordo com dados da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep). A principal empresa venezuelana, a estatal PDVSA, possui uma infraestrutura sucateada há anos, que reduziu a capacidade técnica de operação na região. Com a chegada das empresas norte-americanas, Trump quer, inclusive, reduzir a influência da China no país, já que 80% do petróleo venezuelano é exportado para o gigante asiático.

A professora de relações internacionais na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Regiane Bressan acredita que o petróleo é a principal razão, desde o início, para a entrada de Trump na Venezuela, e que a acusação de envolvimento da cúpula de governo com o narcotráfico foi apenas um pretexto para reduzir as resistências ao ataque. "A gente sabe que a Venezuela é um país autoritário, mas tampouco, não me parece que o governo dos EUA esteja querendo restabelecer a democracia", destaca a especialista.

"Se fosse assim, nós poderíamos pensar que, imediatamente, os EUA defenderiam um novo pleito democrático, ou mesmo, que assumisse Edmundo González, vencedor das eleições passadas. Então, realmente, a prioridade é o petróleo. A destituição do governo venezuelano está ligada ao domínio da commodity, porque a Venezuela passou a exportar esse bem para a China. É um governo autoritário detendo uma riqueza como essa constitui, para os EUA, uma ameaça", acrescenta Bressan.

"Efeito marginal"

Apesar de ser uma região estratégica para o mercado global de petróleo, analistas consultados pelo **Correio** acreditam que não deve haver um movimento brusco



Analistas preveem "efeito marginal" da crise venezuelana nos preços do petróleo



A destituição do governo venezuelano está ligada ao domínio do petróleo, porque a Venezuela passou a exportar para a China. E um governo autoritário detendo uma riqueza como essa constitui, para os EUA, uma ameaça"

Regiane Bressan, professora de relações internacionais

e substancial no preço da commodity a médio ou longo prazo, mesmo com a entrada das empresas norte-americanas na região. O diretor de Comércio Internacional da BMJ Consultores Associados, José Pimenta, acredita que pode haver apenas um efeito "marginal", mas, a depender dos novos capítulos que envolvem essa tensão

geopolítica, ainda pode haver um forte viés de incerteza no longo prazo.

"No curto prazo, é um efeito importante, mas marginal, porque a Venezuela não figura nem entre os maiores produtores de petróleo no mundo. Agora, no longo prazo, a depender do que vai acontecer com a produção venezuelana de petróleo, isso sim, é que gera esse viés de incerteza, a entender como isso vai se desenvolver para saber se vai aumentar, diminuir ou paralisar a produção. Enfim, mais volatilidade e incerteza no sistema internacional", descreve Pimenta.

O analista de investimentos e especialista no setor de petróleo e gás Pedro Galdi também não acredita em um movimento radical. "Eu não estou convencido de que isso vai ser determinante para o preço do barril voltar a US\$ 70, US\$ 80. Pode ser que eu queime a língua. Eu acho que (a cotação) pode até subir um pouco na segunda-feira (hoje), mas é muito prematuro tudo isso", avalia Galdi, que acredita que o comércio ilegal de petróleo na região deve acabar ou reduzir consideravelmente — nesse caso, poderia causar um impacto mais substancial na dinâmica de preços. "Então, se o mercado falava que tinha superoferta, não vai ter queda, aí pode subir um pouco. Por isso que eu acho que vai mais nessa linha. Então, o preço sobe um

pouco", comenta.

Galdi também acredita que as empresas dos Estados Unidos não devem ter tanta facilidade para começar a produzir no país sul-americano e considera o sucateamento atual da infraestrutura como um dos maiores empecilhos. "Não dá para você estalar o dedo e a Venezuela começar a exportar com nota fiscal direitinho do dia para a noite, até porque aquilo está tudo sucateado. O governo vendia gasolina internamente a centavos, há muito tempo, as empresas petroleiras estão destruídas financeiramente, então até arrumar demora tempo", considera o analista.

Produtores

A Venezuela integra desde 1960 o seleto grupo de países-membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), que também é composta por Argélia, Congo, Guiné Equatorial, Gabão, Irã, Iraque, Kuwait, Líbia, Nigéria, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. O grupo formado por nações que detêm grandes reservas da commodity é conhecido por ser um dos mais influentes na formação dos preços. Ontem durante a manhã, a organização promoveu a primeira reunião periódica de 2026 e manteve a prévia de produção de petróleo inalterada. Os países evitaram discutir as crises políticas que afetam membros do grupo, inclusive, a Venezuela. Em queda, a commodity desvalorizou 18% no ano passado.

Uma das medidas que Trump pode implementar em um possível governo provisório na Venezuela é a saída do país sul-americano da Opep. Mesmo diante desse cenário, o professor de economia internacional da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) Máximo Della Justina acredita em uma estabilidade de preços a longo prazo. "Isso dá uma calmaria no sentido de que a Opep perde forças para forçar a diminuição da oferta de petróleo e o aumento do preço no futuro. Em conclusão, mantendo-se estável o preço do petróleo, não haveria efeitos colaterais negativos de imediato na economia mundial", avalia o professor.

Além disso, o especialista não acredita em uma desvalorização das cotações do petróleo. "Em termos de logística global, uma presença maior dos Estados Unidos no nível militar e nos negócios no mundo do petróleo na América Latina é parte dessa reconfiguração global. O petróleo do Oriente Médio fica mais próximo da Ásia, e o petróleo da África e da América Latina fica mais próximo dos Estados Unidos. Considerando isso, além da perda de força da Opep e da produção da Venezuela, você teria uma acomodação do preço do petróleo", conclui Della Justina.

Brasil oferece medicamentos

O ministro da Saúde, Alexandre Padilha, confirmou, ontem, que o governo brasileiro está preparado para auxiliar a população da Venezuela após o bombardeio americano a Caracas e a captura do ditador Nicolás Maduro, neste fim de semana. Inicialmente, o Brasil poderá ajudar fornecendo medicamentos, já que um depósito de insumos foi atingido no ataque e pode gerar escassez de fármacos usados em diálises. Além disso, Padilha disse que o Ministério da Saúde pode reforçar as equipes que prestam atendimento a refugiados em Pacaraima (RR), caso haja um aumento no fluxo de imigrantes na fronteira — o que ainda não aconteceu.

"Como foi divulgado pelo Ministério da Saúde da Venezuela — e confirmado pela OMS (Organização Mundial da Saúde), em Caracas, através da Opas (Organização Pan-Americana da Saúde) —, o ataque bético destruiu um centro de distribuição de medicamentos, de insumos para diálise, no estado de La Guaira. Isso pode significar um desabastecimento imediato", disse Padilha em entrevista à Globonews. Segundo ele, 16 mil venezuelanos dependem da diálise como tratamento regular. "Há uma mobilização nesse sentido dos ministérios da Saúde dos países da região para, eventualmente, ajudar com insumos, medicamentos, um país vizinho que isso não se agrave", acrescentou.

Padilha comentou que o Brasil está pronto para ajudar, assim que houver uma confirmação da OMS e da Opas. Ele lembrou que o governo venezuelano doou, em 2021, 130 mil litros de oxigênio para Manaus no auge da pandemia de covid-19, em um momento que a cidade enfrentava escassez do insumo e superlotação dos hospitais.

Além da questão humanitária, o ministro citou possíveis consequências para o Brasil, caso haja uma crise de saúde na Venezuela. "Se não ajudarmos, quem é afetado também somos nós. Fazemos fronteira com esse país. Tudo o que afeta a saúde daquele povo, rapidamente, afeta o sistema de saúde brasileiro", enfatizou.

O ministro contou ainda que o Ministério da Saúde monitora os atendimentos de saúde a imigrantes venezuelanos em Roraima. Até o momento, não houve aumento do fluxo na fronteira, que permanece aberta. O ministro comentou que uma equipe da pasta está vistoriando os hospitais e unidades de saúde para avaliar como os serviços podem ser expandidos, se necessário. "Estamos preparados para que se reduza ao máximo qualquer impacto desse eventual aumento de fluxo (migratório)", assegurou o ministro.